

Comentários críticos sobre a casa e a família no Alto Minho rural

Historicamente, o conceito de família teve vários significados; ele só é útil se o seu significado específico for sempre claramente definido.

(Max Weber, *Economia e Sociedade*)

I

A advertência de Max Weber que incluímos em epígrafe não perdeu relevância com o passar do tempo. De facto, as implicações do conceito de família estão longe de esgotadas. O presente texto pretende ser uma achega a esta discussão, utilizando dados empíricos recolhidos em duas freguesias do Alto Minho (concelho de Ponte da Barca) durante várias viagens de campo de 1978 até ao presente¹.

Um fogo é um grupo de co-residência e de comensalidade, podendo a sua composição ser organizada segundo princípios diferentes. Frequentemente, mas não necessariamente, essa composição está ligada a relações de parentesco entre os membros do fogo. Sendo assim, há que estabelecer quais os princípios a que os Minhotos recorrem na composição dos seus fogos. Por outras palavras, há que estabelecer qual é, no Alto Minho, a relação entre *fogo*, *casa* e *família*. Em primeiro lugar, lidaremos com a diferença entre as concepções urbana e camponesa da casa e da família; seguidamente, estudaremos a composição da casa camponesa nestas duas freguesias e a sua relação com a diferenciação socioeconómica interna à sociedade camponesa; discutiremos então a relação da casa com os laços de parentesco externos a ela; e, finalmente, referir-nos-emos às implicações do processo de mudança socioeconómica das últimas décadas ao nível da casa e da família.

II

Em qualquer contexto sociocultural existe sempre uma variação das opiniões individuais, as pessoas mudam de ideias e discordam umas das outras. Neste sentido, expressões tais como «os camponeses pensam que...» são necessariamente destituídas de significado. A própria existência de

¹ As freguesias são aqui referidas por pseudónimos — Paço de São Miguel e Couto de São Fins —, o nome do concelho, no entanto, é verdadeiro. Cf. João de Pina Cabral, «As mulheres, a maternidade e a posse da terra no Alto Minho», in *Análise Social*, n.º 80, Lisboa, 1984, especialmente nota 2. Agradeço a Manuel Villaverde Cabral os comentários e críticas que generosamente fez a este texto.

comunicação exige, porém, que os indivíduos refiram o seu pensamento a uma série de concepções e imagens positivas, negativas ou parcialmente partilhadas por todos. Estas concepções e imagens funcionam como um caixilho em torno do qual a acção social se desenvolve, e elas próprias são, ao mesmo tempo, permanentemente afectadas pelo desenvolvimento da acção social². Neste contexto, então, já faz sentido dizer-se que «os camponeses pensam que...». Partindo de uma posição teórica bem diferente da nossa, já Robert Redfield chamava a atenção para este facto quando dizia que «a estrutura social de uma pequena comunidade é um grupo de condições limitantes dentro das quais ocorre a conduta individual. É um sistema de direcção ética, um conjunto de sinais para a vida desejável e virtuosa»³.

Esta visão «mais ou menos coerente da vida desejável» é a *visão do mundo* de um determinado grupo sociocultural. No decorrer da análise da vida social e cognitiva destas duas freguesias do Alto Minho cheguei à conclusão de que, tanto de um ponto de vista sincrónico como diacrónico, o âmago da sua visão do mundo era uma concepção específica da unidade social elementar, da sua reprodução e das suas participação e integração na vida social. Sem um conhecimento deste protótipo cultural-base tornava-se impossível compreender o nexos das várias manifestações culturais da sociedade em questão. É claro que, para os participantes, uma formulação abstracta deste protótipo era inacessível e mesmo desnecessária. A sua explicitação passou por uma tentativa de inter-relacionamento de um enorme leque de manifestações socioculturais. Limitar-me-ei aqui, portanto, a sumariar as conclusões resultantes de um prolongado estudo da visão camponesa do mundo do Alto Minho⁴.

Assim, no presente estado das investigações, o protótipo cultural-base da visão camponesa do mundo do Alto Minho pode ser formulado do seguinte modo:

A unidade social elementar é a casa agrícola, a qual é, essencial, mas não exclusivamente, composta pelo casal e seus filhos. A casa retira a sua identidade de uma unidade de comensalidade, residência, gestão e propriedade; ela produz os seus alimentos em terras que controla e é idealmente independente de fontes alimentares exteriores: este laço estreito com a terra é condição essencial para a participação integral na sociedade camponesa. As relações entre as casas decorrem (também idealmente, é claro) na base de uma identidade de *status* e deveriam, portanto, ser igualitárias e baseadas numa reciprocidade simétrica.

² O leitor perguntar-se-á porque é que eu não recorro ao conceito de *habitus* de Bourdieu. Na minha opinião, a verbosidade pleonástica deste autor não é meramente um vício estilístico. Ela esconde uma falta de coerência interna do seu sistema teórico — que não deixa, no entanto, de ser uma contribuição valiosíssima — e torna a utilização da sua terminologia altamente perigosa para qualquer pessoa que não seja o próprio autor. Concomitantemente, o recurso à noção de *disposition* na definição de *habitus* enfraquece este último conceito, pois o torna universalmente válido. Vide, por exemplo, Pierre Bourdieu, *Le Sens Pratique*, Paris, Eds. Minuit, 1980, cap. III.

³ «[...] a set of signposts to the good and virtuous life» — expressão de tradução difícil (Robert Redfield, *The Little Community and Peasant Society and Culture*, Chicago, V. P., 1973, p. 46).

⁴ Vide João de Pina Cabral, *A Peasant Worldview in its Context*, tese de doutoramento, Universidade de Oxford, 1981.

A este complexo de imagens ideais dou o nome de *protótipo de subsistência*, devido à importância central atribuída pela sociedade camponesa estudada à independência alimentar da casa.

III

Uma vez que a concepção da unidade social elementar é central à visão do mundo, é de esperar que as diferentes visões do mundo correspondam concepções da unidade social elementar divergentes, mesmo quando os grupos em questão estão ligados por estreitos laços geográficos, económicos e culturais. Assim se passa entre a burguesia urbana e o campesinato do Alto Minho. À primeira vista, dir-se-ia que a composição básica da unidade social elementar é a mesma para ambos estes grupos de «status»⁵: o casal e os seus filhos. Porque, se há grandes semelhanças, como era de esperar entre visões do mundo de grupos sociais tão próximos um do outro, as diferenças são também significativas e não devem de forma alguma ser descuradas.

Os termos *lar*, *casa*, *fogo* e *família* são utilizados por ambos os grupos de *status* para referir a unidade social elementar. Há, porém, diferenças nítidas. A preferência pelo termo *família* entre a burguesia urbana reflecte o facto de, para este grupo, a família nuclear ser a unidade social elementar. Isto não significa que não existam co-residentes (tais como avós ou tios), mas sim que estes são concebidos como extrínsecos à *família*. Aliás, a própria ambiguidade definicional deste conceito é essencial para a sua compreensão. A *família* tanto pode ser o casal e filhos como pode abranger todo e qualquer indivíduo que esteja relacionado por laços de parentesco com esse núcleo, seja directa seja indirectamente. Assim, o significado do termo depende do contexto da sua utilização. Urge, porém, compreender que as definições mais latas do termo resultam de uma extensão a partir da sua referência básica: a família nuclear.

Pela expressão *A Sagrada Família*, por exemplo, não se compreende a linhagem de David, mas sim o casal de José e Maria e o seu filho. Os camponeses, por outro lado, preferem o termo *casa* e este é definido diferentemente, uma vez que não é de forma alguma limitado à família nuclear. A *casa* não só inclui outros co-residentes, como, no Minho e em todo o Noroeste peninsular, «casa es el terreno que le pertenece [...], los edificios que existen en el terreno [...], los animales, las personas, los familiares ausentes e incluso los difuntos»⁶. Desta definição, feita por Maria

⁵ Weber define *status* como «a reivindicação efectiva de apreço social em termos de privilégios positivos ou negativos» e *grupo de «status»* como «uma pluralidade de pessoas que, dentro de um grupo mais lato, reivindicam e recebem a) um tipo de apreço determinado e também possivelmente b) monopólios de *status»* (Max Weber, *Economy and Society*, 1, Califórnia U.P., Berkeley, 1978, pp. 305-306). Uma vez que este estudo se debruça em particular sobre as relações entre os aspectos cognitivos e os aspectos materiais da vida social, parece mais útil recorrer ao conceito weberiano de *grupo de «status»*, e não a uma das manifestações do conceito de *classe* (marxiana ou não), cuja utilização minimizaria necessariamente o peso dos aspectos cognitivos na determinação da acção social.

⁶ Maria Cátedra Tomás, «Vacas y Vaqueiros», in Maria Cátedra Tomás e Ricardo Sanmartín Arce, *Vaqueiros y Pescadores: Dos modos de vida*, Madrid, Ed. Akal, 1979, p. 37.

Cátedra no seu estudo sobre pastores transumantes das Astúrias, sobressai ainda uma outra característica da unidade social elementar camponesa que a diferencia enormemente da visão do mundo burguesa: enquanto, para a burguesia urbana, existe um corte entre o domínio da família e o domínio da economia, para os camponeses tal diferenciação não tem qualquer significado. Para eles, a *casa* não é apenas uma unidade de reprodução humana e de consumo, como a *família* burguesa, mas também de reprodução e de propriedade⁷. As esferas do económico e do familiar — da produção e da reprodução —, que, no contexto da visão do mundo burguesa, chegam a ser apercebidas como antinómicas, são absolutamente indestrinçáveis para os camponeses. Assim, voltamos à nossa asserção inicial de que a própria concepção da unidade social elementar tem já implícita em si uma imagem *ideal* dos princípios básicos de actuação social⁸.

IV

Os termos *casa* e *vizinho* apresentam, no contexto da sociedade rural minhota, uma ambiguidade de significado. Se, por um lado, o número de habitantes é necessariamente superior ao número de habitações, por outro, pode-se dizer que o número de *casas* é igual ao número de *vizinhos*. A resposta à pergunta: «Quantos vizinhos tem esta freguesia, ou este lugar?», é dada em número de unidades sociais elementares, e não em número de habitantes. Esta aparente contradição deriva da duplicidade de significado de ambos os termos: a palavra *casa* descreve tanto um edifício de habitação como a unidade social elementar, enquanto *vizinho* se aplica tanto a uma pessoa que vive na proximidade como às unidades sociais elementares que possuem plenos direitos de residência num lugar ou freguesia.

Isto significa que, considerados como indivíduos, todos os habitantes de uma freguesia ou lugar são *vizinhos* uns dos outros, apesar de nem todos serem membros de uma *casa*, o que significa que não são *vizinhos* da freguesia ou do lugar. No sentido de edifício de habitação, a palavra *casa* é utilizada por todas as pessoas que tenham residência fixa, mesmo se temporária — até os Ciganos «voltam pra casa». Há, porém, um sentido

⁷ Weber mantém uma posição semelhante quando diz «the principle of household communism, according to which everybody contributes what he can and takes what he needs (as far as the supply of goods suffices), constitutes even today the essential feature of our family household, but is limited in the main to household consumption» (*op. cit.*, p. 359). O termo inglês *household* seria aqui traduzido por *casa*, por não haver outro melhor. Estou, porém, consciente de que, desta forma, se levantariam os mesmos problemas de confusão entre a esfera do émico e do ético, que são tão evidentes em relação ao termo *família*.

⁸ Esta diferença pode ou não corresponder a uma real diferença na composição dos fogos camponeses e urbanos verificada estatisticamente. Para averiguar esse facto seriam necessários dados sobre fogos urbanos (e aí a estratificação da sociedade urbana teria de ser tomada em conta) comparáveis aos apresentados em seguida sobre duas freguesias rurais. A argumentação de Robert Rowland, que pretende que a grande diferença na composição dos fogos é regional, e não específica dos grupos sociais em questão, é certamente interessante, mas não nos parece ainda definitiva. Cf. Robert Rowland, «Sistemas familiares e padrões demográficos em Portugal: questões para uma investigação comparada», in *Ler História*, n.º 3, Lisboa, 1984, pp. 13-32, especialmente p. 19.

em que nem todas as habitações são *casas* — aquele a que se referia Maria Cátedra na definição citada. Neste último sentido, só as famílias que possuem terra, gado e habitação própria é que constituem *casa*.

Na ambiguidade de definição do termo pelo qual os camponeses se referem à unidade social elementar está implícita a exclusão dos direitos de residência e de identidade de *status* de uma parte da sociedade camponesa: os que não possuem terra. De facto, o que para o camponês minhoto distingue uma *casa*, como unidade social elementar, de um mero grupo de pessoas ligadas por relações de parentesco é a relação directa intensa e duradoura que a *casa* mantém com a terra. Só esta relação permite uma aproximação real à «visão mais ou menos coerente da vida desejável», isto é, ao protótipo de subsistência.

A ambiguidade, no entanto, permanece. O camponês sem terra é menos-prezado como indivíduo, mas é tratado com a etiqueta própria de qualquer outro camponês. Esta etiqueta pressupõe os valores explicitados acima na nossa descrição do protótipo de subsistência: a igualdade e a reciprocidade simétrica. Na sociedade camponesa existem, portanto, dois níveis de cálculo de participação social, de pertença ao grupo: o nível da unidade social elementar e o nível individual.

Na sua relação com a terra, os camponeses dividem-se em três grandes grupos: os *lavradores*, os *caseiros* e os *jornaleiros*. Esta divisão, porém, não é de forma alguma simples. Muitos *caseiros* possuem alguma terra própria, e muitos *lavradores* completam a sua exploração com uma ou outra leira arrendada. Da mesma forma, a distinção entre os *jornaleiros* e os *caseiros* mais pobres não é clara. Estes *caseiritos* tendem a «olhar pelas terras» por pouco tempo; não só mudam de terras frequentemente, como «mandam a jornal» regularmente uma boa parte dos membros dos seus fogos. Finalmente, as próprias fronteiras do grupo de *status* camponês são indefinidas, pois os lavradores mais ricos, que deixam de lavrar as terras com as suas próprias mãos, passam a ser identificados como *proprietários*, isto é, burgueses; enquanto os *caseiros* que deixam de poder retirar a maior parte da sua subsistência da terra que cultivam directamente e os jornaleiros que eram forçados a uma vida quase nómada antes do surto emigratório dos anos 60 deixam de ser camponeses para pertencerem ao grupo de *status* inferior — o que inclui os Ciganos, os vendedores ambulantes (agora praticamente desaparecidos), os pedintes e os proletários que cortaram os laços com a terra. Voltamos, assim, ao protótipo de subsistência: é na relação com a terra que o camponês descobre a sua identidade social.

V

Para além do facto de a casa dever ser dirigida por um *casal* — homem e mulher casados pela Igreja —, os residentes das duas freguesias estudadas manifestam poucos princípios normativos no que se refere à composição das unidades sociais elementares e os que apresentam são até pouco consistentes: por exemplo, todos os filhos devem herdar uma parte da casa, filhos únicos devem «casar-se em casa»; os pais devem abandonar o controlo da casa desde o momento em que, por velhice ou viuvez, se vejam impossibilitados de gerir o trabalho da terra da melhor forma;

devem favorecer o/a filho/a que «olhar por eles na velhice»; as noras e as sogras «não se querem juntas»; etc. Por outras palavras, a composição da casa é deixada em aberto e depende de uma série de factores materiais, demográficos e simbólicos indefinidos.

O próprio camponês tem uma percepção da composição da sua casa como dependente de uma série de decisões estratégicas e não normativas. Fomos, portanto, levados a criar um modelo estatístico, com o intuito de descobrir quais as estratégias predominantes e quais os factores que determinam a sua variação. Num estudo publicado anteriormente demonstrámos existir uma relação entre a posse da terra e o casamento⁹. A ilegitimidade estaria ligada à incapacidade, por parte dos que não têm terra, de criar *casas* no sentido exemplificado no protótipo de subsistência. Presentemente demonstraremos que as estratégias de composição da unidade social elementar estão dependentes da diferenciação económica interna à sociedade camponesa, e muito particularmente da posse da terra.

Antes, porém, será necessário fornecer ao leitor os dados indispensáveis sobre as freguesias estudadas e sobre os métodos adoptados na recolha do material empírico¹⁰.

Em 1979-80 fizemos um censo de Paço e Couto, utilizando como base os dados coligidos pelo pároco de ambas as freguesias no seu Registo de Almas. Estes dados foram posteriormente corrigidos e aprofundados por meio de entrevistas com um informador para cada lugar. Sempre que possível, esta informação foi depois conferida na sequência do trabalho de campo. Posteriormente, o INE publicou os resultados provisórios do XII Recenseamento Nacional de 1981. Uma comparação com estes permite-nos afirmar que os números obtidos pelo nosso censo não só são essencialmente correctos, como é até possível que sejam mais fidedignos que os do INE.

A população presente de Paço (em 1979-80) é de 1106 habitantes e 281 fogos e a de Couto de 618 habitantes e 176 fogos¹¹. (N. B. — As percentagens que seguem foram estabelecidas na base dos fogos «residentes» para os quais possuíamos a informação em questão, e não dos fogos «presentes». Os totais são, portanto, superiores por incluírem casas de emigrantes cuja composição nos era conhecida e que mantinham habitação permanente na freguesia de origem; Paço teria 295 fogos «residentes» e Couto 184. Com a excepção de donos de casa emigrados, e apesar da opinião expressa em XI, não foi possível estabelecer com precisão os membros emigrados de cada fogo.)¹²

⁹ João de Pina Cabral, «Female Power, The Inequality of Wealth and Motherhood in Portugal», in Renée Hirschon (ed.), *Women and Property/Women as Property*, Londres, Croom Helm, 1984, pp. 75-91. Tradução portuguesa: «A maternidade [...]», cit.

¹⁰ Os números abaixo citados referem-se todos ao período de 1979-80. Consideraremos, portanto, esse o «presente etnográfico» na descrição que se segue.

¹¹ Os dados do INE para 1981 são: Paço, 1114 habitantes e 291 famílias; Couto, 646 habitantes e 183 famílias. É conveniente lembrar mais uma vez que a categoria *fogos* utilizada por nós não é estritamente equiparável com a *família* do INE.

¹² Certas percentagens aqui apresentadas diferem por vezes das de João de Pina Cabral, *A Peasant Worldview in its Context*, cit. Estas divergências, que raramente excedem os decimais, devem-se ao facto de ter sido feita uma classificação completamente nova do material por se ter sentido que era possível melhorar os padrões de classificação.

Em muitos aspectos, Paço e Couto são freguesias irmãs: já na Idade Média, o Convento de Couto possuía terras em Paço e a vida social de ambas as freguesias continua bastante interligada. A proximidade física de zonas habitadas de ambas as freguesias (*lugares*) torna esta ligação inevitável. Os residentes de Paço fazem compras no Couto e os do Couto são clientes das pequenas *indústrias* de Paço. As duas freguesias partilham o mesmo padre há já mais de duas décadas, sem que isso tenha levado a quaisquer agravos. Finalmente, os registos de casamento das duas freguesias mostram que, tanto num como noutro caso, de todos os casamentos *extrafreguesia*, os casamentos entre gente de Paço e Couto são os mais frequentes.

Apesar desta aproximação (ou talvez como factor que permite esta aproximação), as duas freguesias são profundamente diferentes. Uma análise mais pormenorizada mostra que Paço foi sempre tipicamente uma freguesia de camponeses, onde a maioria dos *vizinhos* possuem terra própria; quanto ao Couto, tem sido uma freguesia em que grande parte da terra está nas mãos de proprietários absentistas e onde a maioria dos residentes são jornaleiros ou caseiros pobres. Possibilitando a compra de terra, o surto emigracional dos anos 60 e início dos anos 70 veio reduzir esta diferença, mas ela é ainda hoje visível. Assim, por exemplo, 75,70 % da população adulta de Paço ocupa-se exclusivamente de agricultura, enquanto no Couto a percentagem é só de 68,38 %; por outro lado, em Paço, 15,10 % dos adultos têm empregos não agrícolas e, no Couto, 19,02 %. Em Paço só existem 8 casas de caseiros, no sentido restrito da palavra (lavradores que cultivam predominantemente terras de outrem), mas no Couto existem 33.

A comparação entre as duas freguesias permitir-nos-á, portanto, uma aproximação da relação entre estratégia de composição do fogo e situação económica, nomeadamente em relação à terra. Infelizmente, apesar de a propriedade da terra continuar a ser o índice mais importante de riqueza e prestígio na sociedade local, a inexistência de um cadastro, a extrema subdivisão da terra e a existência de tipos de terra cujo valor económico é muito diferente tornaram impossível o estabelecimento do tamanho das propriedades de um número suficientemente representativo de fogos. Contudo, mesmo que existisse um padrão comparativo uniforme — uma impossibilidade prática — ou um cadastro, encontraríamos ainda uma enorme dificuldade em estabelecer uma relação directa entre composição do fogo e tamanho da propriedade, porque a «propriedade» da terra não é o factor determinante; é, sim, o direito de gerir a produção e de beneficiar de uma parte suficiente dos produtos da terra para que o trabalho seja sempre recompensado. Assim, a composição da casa de um lavrador tem de ser referida à extensão e ao tipo de terra que ele cultiva a título permanente, à exploração da terra, e não ao título legal de propriedade. A terra pode «pertencer» a um proprietário ou a um parente emigrado; desde que a renda que o lavrador paga lhe permita assegurar a subsistência da casa num ano mau, a relação do camponês com a terra não se altera significativamente. Para além disso, em Paço e Couto, as fontes de rendimento não agrícolas são hoje em dia suficientemente importantes para que seja necessário considerá-las num estudo da diferenciação económica.

Como tentativa de superar estas dificuldades e controlar os resultados obtidos por meio da comparação entre as duas freguesias, recorreu-se a um escalonamento económico de todos os fogos de ambas as freguesias. Durante a compilação dos censos foi pedido aos informadores que especificassem a relação de cada fogo com o que eles consideravam ser a situação económica média da freguesia. Os informadores adoptaram esta técnica com enorme facilidade. Tornou-se até claro que eles faziam espontaneamente uma distinção entre nível de vida e poder económico («viver bem ou mal», por oposição a «ser rico», «ser remediado» ou «ser pobre»)¹³. Foi-lhes pedido que recorressem a este último padrão nas suas apreciações. Foi também recolhida, para cada fogo, informação sobre gado, existência ou não de produção para venda, características das ocupações não agrícolas, emigração de membros da casa, pensões e subsídios estatais, e em muitos casos obteve-se mesmo alguma informação sobre poupanças particularmente elevadas e geralmente devidas à emigração.

Os fogos foram divididos em três grupos (pobre, médio e rico), que, por sua vez, foram subdivididos em seis escalões — em grau crescente de poder económico, P_2 , P_1 , M_2 , M_1 e $R_{1/2}$. (Por corresponderem só a 13 casas em ambas as freguesias, os escalões R_1 e R_2 foram considerados em conjunto.) Desta forma, obteve-se uma avaliação do poder económico relativo de cada fogo que, apesar de ser bastante impressionista e talvez até sujeita a eventuais erros em casos específicos, nos pode dar uma ideia relativamente correcta da distribuição da riqueza nas freguesias e do seu relacionamento com a composição das unidades sociais elementares.

VI

70,71 % dos fogos de ambas as freguesias são compostos por uma *família nuclear* (FN), isto é, um casal ou viúvo/a com ou sem filhos; 21,50 % são compostos por *famílias alargadas* (FA), isto é, a família nuclear com um ou mais parentes, 1,46 % destes integrando também um membro não aparentado, em geral, um criado; finalmente, 7,72 % são fogos cujos chefes não são casados (SOLT)¹⁴. (Vide anexo 1.)

Apresentadas simplesmente, sem um relacionamento com o ciclo de desenvolvimento familiar, a diferenciação económica interna à freguesia e a variação entre freguesias, estas percentagens têm pouco significado. Infelizmente, lidamos com números baixos — 184 fogos em Couto e 295 em Paço, e por vezes menos, por faltarem um ou outro dado para alguns fogos —, o que significa que não é possível inter-relacionar mais de duas variáveis, visto as amostras deixarem de ser representativas. Este problema

¹³ Esta diferença é particularmente significativa devido ao efeito do igualitarismo camponês: não são de forma alguma os mais ricos os que demonstram riqueza por meio de um nível de vida mais elevado do que a média geral. O surto emigratório veio torná-la ainda mais notória: o emigrante de torna-viagem tem um nível de vida alto em relação aos padrões locais, enquanto o seu poder económico a longa distância é por vezes bastante reduzido.

¹⁴ Não recorri a uma tipologia de unidades domésticas tal como a elaborada pelo Grupo de Cambridge [cf. e. g. Peter Laslett (org.), *Household and Family in Past Time*, Cambridge University Press, Cambridge, 1972], pois seria desnecessariamente complexa para a presente análise.

é inevitável, pois, por um lado, não é possível fazer censos detalhados para grandes áreas e, por outro, devem evitar-se análises de médio alcance, pois estas escondem a variação que existe de freguesia para freguesia, como a comparação entre Paço e Couto claramente demonstra.

Em primeiro lugar, há que distinguir entre os fogos cujos chefes não são casados (SOLT) daqueles aos quais o nome de *casa* se aplica com propriedade. Paço e Couto têm, no presente momento, percentagens semelhantes de fogos nestas condições (7,80 % e 7,60 %, respectivamente). Esta situação, porém, reflecte ironicamente o processo de mudança socioeconómica das últimas décadas. De 1860 a 1940, as percentagens de baptismos de ilegítimos no Couto oscilavam entre 14,3 % e 22,5 % e em Paço entre 5,8 % e 12,5 %¹⁵. Isto significa que Couto não só tinha muito mais gente sem terra, como tinha muitos mais fogos chefiados por solteiros. Como os residentes de Paço ainda hoje dizem, «Couto é uma freguesia muito putanheira».

A posse de terra é um factor indispensável para a existência de uma *casa*. O emigrante que não tem a segurança da terra, e portanto da *casa*, a prendê-lo à freguesia de origem é menos chamado a voltar. Assim se explica que o Couto tenha perdido mais gente do que Paço como resultado do surto emigratório. A taxa de crescimento demográfico entre 1950 e 1979 de Paço é negativa (-0,55 % ao ano), mas a do Couto é ainda mais (-1,18 %)¹⁶. Apesar do surto emigratório, que possibilitou a uns a compra da terra e que retirou os outros das zonas rurais, o Couto tem ainda hoje uma percentagem mais elevada de fogos que incluem filhos ou netos ilegítimos (Couto, 7,6 %; Paço, 5,08 %).

A grande maioria destas crianças eram e são filhos de jornaleiras ou criadas. O casamento entre gente «pobre» (isto é, sem terra) continua hoje em dia a ser desencorajado. Um homem que me explicava esta atitude dizia: «Para quê? Só serve para juntarem pobreza!» Na verdade, a relação entre este tipo de fogos (SOLT), a ilegitimidade e a pobreza é um facto reconhecido por todos ao nível local. Tanto Paço como o Couto possuem *lugares* onde grande parte dos fogos são (e sempre foram, se acreditarmos na opinião dos residentes) deste tipo — os lugares «mais pobres» da freguesia.

28,41 % dos fogos do escalão económico inferior (P_2) são deste tipo em ambas as freguesias. A sua ocorrência diminui progressivamente com a subida do poder económico: 4,54 % do escalão P_1 , 3,03 % do escalão M_2 . Nos escalões superiores (M_1 e $R_{1/2}$) existem só dois casos: M_1 , a casa do padre; e $R_{1/2}$, a casa de uma representante idosa da velha aristocracia rural. Ambos estes casos são radicalmente diferentes dos que ocorrem nos escalões inferiores.

No Couto, dois dos fogos de tipo SOLT eram compostos por um casal não casado pela Igreja. É significativo que não se encontre nenhum caso destes em Paço, freguesia onde a visão camponesa do mundo é mais rigorosamente seguida que no Couto. Quando estes exemplos lhes foram citados, os informadores de Paço reconheceram que seria improvável que tais casos ocorressem na sua freguesia. Seria considerado uma ofensa para o lugar, se não até para a freguesia. Os residentes de Paço não se preocupam grandemente com o comportamento sexual dos seus vizinhos desde que

¹⁵ Vide João de Pina Cabral, «A maternidade [...]», cit.

¹⁶ Id., *A Peasant Worldview in its Context*, cit., pp. 54 e 37.

não afecte as casas do lugar. Quando isso acontece, porém, a oposição é feroz.

Para dar só um exemplo: um homem casado, que mantinha abertamente relações sexuais com uma mulher solteira há uns anos, decidiu a certa altura deixar a casa da mulher, com quem se dava pessimamente, e passar a dormir na casa da amante. Logo que as suas intenções se tornaram evidentes, os vizinhos, que até ali tinham simpatizado pouco com a mulher, a quem culpavam pelo estado da situação, viraram-se violentamente contra o casal adúltero. Expulsaram-nos do lugar à pedrada.

O homem, que até ali só tinha pecado contra a sua mulher, pecava agora contra todos eles, destruindo uma casa criada correctamente segundo os padrões da visão camponesa do mundo e tentando criar uma casa na base de uma relação adúltera. É impossível dizer se, há vinte ou trinta anos, os residentes do Couto teriam tomado uma atitude semelhante. Dir-se-ia, no entanto, que não, pois no Couto, onde menos pessoas conseguem pôr em prática o tipo de composição familiar que se coaduna idealmente com a existência de casas tais como elas são representadas no protótipo de subsistência, estes exemplos são criticados, mas os vizinhos têm menos peso moral do que os de Paço para se opor abertamente.

VII

Se considerarmos agora as casas propriamente ditas (excluindo, portanto, os fogos do tipo SOLT), veremos ainda que há uma variação significativa entre os vários escalões económicos e entre as duas freguesias. Fazemos aqui uma distinção entre casas compostas por famílias nucleares (FN) e casas compostas por famílias alargadas (FA). Dentro destas últimas verificamos a existência de 7 casas que incluem membros que não são aparentados do casal-chefe; 5 incluem criados permanentes e 2 uma amiga ou vizinha.

Enquanto a ocorrência de fogos chefiados por uma pessoa solteira é mais elevada tanto no Couto como nos escalões económicos inferiores, é precisamente o contrário que se passa com as casas que incluem membros não aparentados com o casal-chefe. Não só não existe nenhum caso destes no Couto, como, em Paço, eles só se verificam nos escalões económicos superiores, representando 1,25 % das casas em M_2 , 3,70 % em M_1 e 33,33 % em $R_{1/2}$. A razão pela qual não existem casas que incluam criados no Couto é largamente de tipo classificatório. Verificou-se que os informadores desta freguesia classificam as pessoas que trabalham diariamente para uma casa com *jornaleiros permanentes (sic)*, e não como *criados*, e, portanto, como sendo extrínsecos à casa, e não seus membros. O mesmo já não se passa em Paço, onde a posição do/a criado/a é semelhante à do aprendiz medieval em casa do mestre. O mesmo se passa em relação a amigos ou vizinhos de quem a casa toma conta. Tratava-se, em ambos os casos presentemente existentes em Paço, de uma mulher idosa sem parentes que fora recebida como membro da casa, na condição de deixar por morte as suas propriedades à casa.

Se compararmos agora as percentagens de casas compostas por famílias nucleares (FN) com as casas compostas por famílias alargadas (FA) em

ambas as freguesias, vemos que Paço tem uma percentagem de casas deste último tipo (FA) bem mais elevada.

[QUADRO N.º 1]

Composição da casa	Paço		Couto	
	Número	Percentagem	Número	Percentagem
Família alargada	74	27,21	28	16,87
Família nuclear	198	72,79	138	83,13

Um resultado semelhante é obtido se relacionarmos a composição da casa com os escalões económicos. Para que as amostras sejam mais representativas compararemos os três escalões inferiores com os três superiores. (Mesmo assim, a amostra para os escalões superiores no Couto é pequena de mais para ser verdadeiramente representativa.)

[QUADRO N.º 2]

Escalões económicos	Composição da casa	Paço		Couto	
		Número	Percentagem	Número	Percentagem
P ₂ P ₁ M ₂	Família alargada	45	24,76	22	16,30
	Família nuclear	137	75,27	113	83,70
M ₁ R _{1/2}	Família alargada	29	32,22	6	19,35
	Família nuclear	61	67,78	25	80,65

Podemos, portanto, concluir que a incidência de casas compostas por famílias alargadas é mais alta nos escalões económicos superiores e em Paço, por oposição ao Couto.

Estas percentagens, porém, podem ser enganadoras, pois não entram em conta com o ciclo de desenvolvimento familiar — aspecto para o qual já M. Fortes chamava a nossa atenção em 1949¹⁷. Se tivermos presente que, nestas freguesias, é em geral a filha mais nova que «toma conta» dos pais durante a velhice — isto é, é ela que sucede à chefia da casa —, haverá necessariamente longos períodos em que a casa terá a composição da família nuclear sem que isso signifique a invalidação da existência de uma estratégia de tipo ligado à casa composta pela família alargada. Se controlarmos a idade dos donos da casa, poderemos fazer uma ideia

¹⁷ Vide M. Fortes, *Time and Social Structure and Other Essays*, Londres, Athlone Press, 1970 (1.ª ed., 1949).

da real incidência desta estratégia (tipo FA) através do ciclo de desenvolvimento da casa ¹⁸. (Vide gráficos I e II e anexo 2.)

Uma primeira observação dos gráficos I e II leva-nos a concluir que pelo menos 50,00 % de todas as casas de Paço e 33,33 % das do Couto passam por um ou mais períodos em que a sua composição corresponde ao tipo de família alargada. Existem três momentos do ciclo de desenvolvimento em que estas casas são mais frequentes: o período que vai dos 25 aos 34 anos de idade, o que vai dos 50 aos 54 e o dos 70 aos 74.

No primeiro destes momentos, aquele em que a incidência é mais elevada e mais prolongada, as casas são compostas por um jovem casal, com ou sem filhos, com o qual vivem irmãos do casal, ou membros das gerações ascendentes (pai ou mãe, em geral viúvos, ou tio/a). A incidência diminui depois até ao grupo etário dos 50 aos 54 anos, em que há outra vez uma subida. A partir desta idade, a composição das casas é diferente: é agora um casal recém-casado que vive sob a tutela do casal paterno. A alta dos 50 anos corresponde ao casamento de uma primeira filha e a dos 70 anos ao de uma filha mais nova. Esta última corresponde também à situação da viúva que vive com os netos ou com a filha e os netos sem que o genro tenha assumido a posição de dono da casa, por estar emigrado.

Na análise e interpretação destes dados, sobretudo no que se refere aos períodos etários superiores aos 50 anos, há que levar em conta o surto emigratório. Os jovens casais que se «apegariam» aos pais tendo em vista a herança da casa estão agora ausentes — apesar de continuarem profundamente ligados à casa.

VIII

Existem em Paço e Couto três tipos de fogos (SOLT, FN e FA); não existem, porém, três estratégias diferentes. A relação entre propriedade e composição familiar do fogo é tão forte que mostra que a existência de fogos de tipo SOLT corresponde a uma estratégia negativa: as pessoas que não controlam terra vêem-se impossibilitadas de formar uma casa. Por outro lado, a criação de casas é mais fácil às famílias que possuem terra, aproximando-se assim do ideal expresso no protótipo de subsistência que é partilhado por todos. Da mesma forma se explica a maior ou menor ocorrência de casas de tipo FN e FA. É a estrutura da propriedade da terra que, em última instância, explica a adopção de atitudes estratégicas diferentes. Contudo, a diferença entre as duas freguesias deve ainda ser tomada em conta. Paço não é só uma freguesia onde uma

¹⁸ Os grupos etários foram estabelecidos tomando em conta a idade do *membro mais jovem do casal-chefe*. Este é um dos métodos possíveis de controlar a idade do casal; adoptámo-lo por sentirmos que era o mais representativo tanto em relação à produção de crianças como em relação à idade de herança (pois ambos os donos da casa têm de herdar antes de esta estabelecer a sua independência económica total). Este método dá-nos também uma ideia mais segura do período de chefia, pois, quando um dos donos da casa morre bastante novo, o outro continua a chefiar a casa por mais tempo do que seria normalmente de esperar de um/a viúvo/a. No caso de casas chefiadas por viúvos foi a idade deste/a que se considerou. Quando faltavam dados precisos sobre a idade de um dos cônjuges, utilizou-se a do outro, independentemente da diferença potencial de idades.

maior percentagem de fogos possui terra; é também uma freguesia onde os valores da visão camponesa do mundo estão mais profundamente arraigados e são mais estritamente seguidos. Assim, mesmo dentro dos mesmos escalões económicos, a percentagem de casas de tipo FA é sempre maior em Paço do que no Couto. Daí se depreende que a estratégia ligada à ocorrência de casas de tipo FA está ligada a uma atitude de tipo camponês para com a terra e para com a casa.

A razão por que esta relação não foi prevista na nossa explicitação do protótipo de subsistência é que ela é um resultado da operacionalização dos valores expressos no protótipo e não tem o peso ideológico de um ideal culturalmente partilhado. É uma estratégia que resulta de uma série de decisões que, ao nível consciente, se apresentam como independentes e irrelacionadas. Ela corresponde à atribuição de uma grande importância à necessidade de sobrevivência da casa como um todo e das suas terras como uma unidade. Através da residência em conjunto de tantos membros quanto possível evita-se a dispersão desnecessária da terra e mantém-se a força moral da casa enquanto unidade social provida de uma identidade própria.

Há que ver a lógica desta estratégia não só ao nível da casa, mas também ao nível individual: o indivíduo que pertence a uma casa grande e rica em terra, uma casa que lhe assegurará sempre a subsistência caso outras formas de rendimento se tornem inviáveis (por velhice ou desemprego), não vai deixar a casa ou quebrar o seu poderio sem pensar duas vezes. Desde que haja terra, os membros da casa só beneficiam em ficar juntos. Esta tendência, no entanto, nunca é levada ao seu extremo lógico, que seria a situação de dois irmãos ou irmãs casados vivendo na mesma casa com as suas famílias nucleares. Não só não se verifica em Paço e Couto nenhuma situação em que dois casais da mesma geração genealógica vivam na mesma casa, como a própria ideia é considerada despropositada pelos habitantes. O que caracteriza a casa é ser uma unidade; a possibilidade de competição pelo controlo do poder dentro da casa, ou, ainda pior, de duas fontes de poder, é perfeitamente aberrante.

Estamos, portanto, perante uma única lógica estratégica, que pode ser expressa positiva ou negativamente. Assim, temos, por um lado, o pólo correspondente à situação em que ocorrem casas compostas por famílias alargadas. Esta é a *estratégia positiva*, ela reflecte uma tentativa dos membros da família para prolongar a existência da casa enquanto entidade social e manter uma relação directa com terras específicas. É uma atitude de estratégia familiar centrípeta, tendente à manutenção de relações estreitas com todos os descendentes da casa, que em certos casos chega mesmo a absorver criados e até vizinhos. É uma estratégia que leva à máxima presença social da casa e de cada um dos seus membros. Ela representa, por assim dizer, uma maximização da pertença ao grupo camponês.

Por outro lado, temos uma *estratégia negativa*: a que é seguida pelos jornaleiros e caseiros pobres destituídos de terra que formam fogos de tipo SOLT. A falta de terra significa que eles nunca podem criar as condições para assegurar a sua subsistência, e portanto não chegam sequer a casar-se, pois, na visão camponesa do mundo, o casamento não corresponde a uma simples licença para actos sexuais entre duas pessoas; ele é, sim, condição essencial e indispensável para a criação ou continuação de uma casa. A ilegitimidade é alta e o ciclo de desenvolvimento destes fogos é

tipicamente o da mãe solteira cujas filhas têm filhas, que, por sua vez, têm filhas. Os homens tendem a desaparecer da sociedade local ou a tornar-se vagamente nômadas, usando o fogo da mãe e das irmãs simplesmente como base. Criam-se assim famílias matrifocais sem presença masculina. É uma atitude de estratégia familiar centrífuga e negativa, à qual as pessoas só recorrem forçadas pelas circunstâncias.

Entre estes dois pólos existe todo um leque de variação que passa pela possibilidade de criar uma casa, mas pela impossibilidade (ou desinteresse) em lhe dar uma presença social marcante, mantendo, à custa das terras que a casa possui, uma família alargada. Os dados acima apresentados demonstram que, quanto maior for a propriedade, maior a tendência para criar casas de tipo FA. Nos casos intermédios, o interesse individual dos membros na sobrevivência da casa não é suficiente para esta resistir à tendência centrífuga.

Finalmente, a diferença entre Paço e Couto: no Couto, onde o número de fogos de tipo SOLT é mais elevado, menos casas conseguem assegurar o tipo de presença social que advém da composição por uma família alargada e mais pessoas dependem de ocupações não agrícolas ou de terra que só controlam precariamente, o ideal do protótipo de subsistência enfraquece e há menos insistência por parte da população em geral na conformidade com os princípios da visão camponesa do mundo. Assim se explica que Paço esteja mais apegada a esta visão do mundo e menos sujeita à penetração de um novo tipo de estratégia familiar: o que advém da visão burguesa do mundo e das condições de vida urbanas (onde a visão burguesa é culturalmente dominante).

IX

Considerando a ênfase posta na casa, seria também de esperar que se encontrasse um regime de herança que impedisse a divisão das propriedades da casa, favorecendo o herdeiro da chefia da casa. Exemplos de vários regimes deste tipo, geográfica e etnograficamente muito próximos do nosso, foram descritos por C. Lisón Tolosana para a Galiza. Da análise de Pierre Bourdieu sobre os camponeses de Béarn, onde a prática de herança preferencial do primogénito era dominante, resulta também uma atitude semelhante ¹⁹.

Em Paço e Couto, porém, esta questão não pode ser abordada em termos prescritivos. Na verdade, os residentes locais manifestam uma preferência pela manutenção intacta das terras centrais à casa e explicam mesmo a frequente ocorrência de casamentos entre primos como uma tentativa de reunir as várias propriedades da casa ²⁰. Ao mesmo tempo, porém, eles exprimem fortemente o igual direito de herança de todos os descendentes dos *donos da casa*.

Limitar-nos-emos aqui a sumariar os aspectos principais desta questão. Como diz Bourdieu, «l'ajustement objectif des dispositions et des structures

¹⁹ Carmelo Lisón Tolosana, *Antropología Cultural de Galiza*, Madrid, Siglo XXI, 1971; e P. Bourdieu, *Le Sens Pratique*, cit., liv. II, cap. I.

²⁰ Não é possível aqui discutir esta distinção entre propriedades centrais à casa e propriedades marginais (vide João de Pina Cabral, «A maternidade [...]», cit.).

assure une conformité aux exigences et aux urgences objectives qui ne doit rien à la règle et à la conformité consciente à la règle, et une apparence de finalité qui n'implique nullement la position consciente des fins objectivement atteintes»²¹. Assim, uma análise pormenorizada de processos de «partilhas» específicos levou-nos a concluir que uma preferência é geralmente dada às filhas, e muito em particular à mais nova, que geralmente sucede à chefia da casa. Favorecendo o casamento das filhas, os camponeses ricos pretendem diminuir o risco de ilegitimidade, assegurando-se assim da reprodução moral da casa. Esta atitude corresponde também a todo um complexo simbólico que associa e prende a mulher à terra.

É difícil saber se, em Paço ou Couto, alguma vez se praticou abertamente um sistema semelhante à «melhora» galega. Em certas freguesias montanhosas do concelho de Ponte da Barca existe uma preferência pela «melhora» do filho primogénito — o mesmo se passa, por exemplo, em Vila do Conde. Mas, se, durante o século XIX, a «melhora» era praticada em Paço e Couto com mais intensidade do que a presente preferência pela filha mais nova, ela era certamente do tipo a que Lisón Tolosana chama «manda matrilinear». Assim se interpretaria o facto de, nas últimas décadas do século XIX, as idades de casamento masculina e feminina serem tão aproximadas. Na década de 1880, a idade média de casamento feminina foi mesmo mais elevada que a masculina em ambas as freguesias (ver quadro n.º 3). «Antes», dizem os vizinhos de Paço e Couto, as pessoas só se casavam quando herdavam dos pais ou quando estes se retiravam da vida activa. Como a casa em questão era, em geral, a da noiva, é de esperar que esta já não fosse jovem.

[QUADRO N.º 3]

Décadas	Paço		Couto	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1860	—	—	30,47	29,32
1870	—	—	31,12	29,00
1880	27,06	27,30	29,94	32,68
1890	27,95	26,26	29,12	28,12
1900	26,66	25,40	27,21	25,03
1910 (a)	—	—	—	—
1920	27,56	26,95	28,40	25,43
1930	26,83	26,04	27,00	25,68
1940	27,58	27,16	24,52	23,65
1950	26,93	25,06	27,07	24,20
1960	27,75	24,69	27,42	23,16
1970-77	25,43	23,17	26,02	23,09

(a) Os números correspondentes aos anos revolucionários que sucederam à implantação da República estão incompletos e, em certos anos, faltam mesmo completamente.

Fonte: registos paroquiais de Paço e Couto. Os casamentos que incluem viúvos/as foram excluídos.

²¹ Bourdieu, *Le Sens Pratique*, cit., p. 245. A percepção aqui implícita é, de facto, uma contribuição muito importante para esta discussão. Continuo, no entanto, em dúvida sobre a possibilidade de encontrar uma definição teoricamente consistente para a utilização que Bourdieu faz dos termos *structure* e *disposition*.

Ao mesmo tempo, nos finais do século XIX, casavam-se menos pessoas do que hoje. Apesar de o número de fogos das duas freguesias só ter aumentado 19,3 % entre 1890 e 1979-80, o número de casamentos por ano, na década de 1970, era 106,4 % mais elevado do que na de 1880.

Os números apresentados no quadro n.º 3 devem ser julgados com precaução, uma vez que a amostra não é suficientemente larga para absorver casos idiossincráticos (apesar de se terem excluído todos os casamentos que envolviam viúvos/as). A tendência geral desde 1890, no entanto, é claramente uma de redução da idade de casamento para ambos os sexos. Contudo, as diferenças entre as duas freguesias são interessantes. Desde a década de 1920 que, no Couto, a idade de casamento feminina é consideravelmente mais baixa em relação à masculina que em Paço. Mais uma vez, isto comprova a importância, nesta última freguesia, dos valores ligados à vida camponesa. No Couto, onde um maior número de jovens se vê forçado a recorrer a trabalho assalariado (sobretudo masculino) para se estabelecer na vida, a idade de casamento feminina pode ser mais baixa. No Paço, só na década de 1970, e durante o surto emigratório, a idade de casamento feminina desceu para menos de 25 anos. O que, no Couto, já ocorrera durante a década de 1940.

A idade média de casamento masculina só desceu significativamente na década de 1970, o que se deve ao investimento das remessas dos emigrantes, que criaram novas oportunidades de emprego ao nível regional. Isto permitiu aos jovens casais uma independência económica em relação à herança, descendo, assim, a idade média de casamento de ambos os sexos.

A preferência feminina no momento da herança manifesta-se ainda nas práticas de uxorilocalidade e uxorivincinalidade; essas, sim, expressamente reconhecidas pelos habitantes de Paço e Couto. Os pais esperam que os filhos varões encontrem casamento, mas, excepto quando eles são «filhos morgados» (isto é, na linguagem regional, filhos únicos), dispõem pouca energia com eles. O contrário se passa com as filhas: são os pais delas que pagam o casamento e é também em casa delas que o novo casal fica a viver. Como se diz em Paço, «O casamento é para as mulheres!». As filhas são difíceis de casar; assegurando-lhes a residência uxorilocal pelo menos durante alguns anos (até a filha mais nova querer casar-se), os pais criam condições que, na opinião deles, facilitam o casamento.

Quando se torna evidente que irá ser necessário dar lugar à irmã mais nova, o jovem casal constrói uma casa, em geral na vizinhança da casa paterna e frequentemente em terras ou sobre edifícios desusados que são oferecidos ao casal pelo pai da noiva. Esta alternância é visível nos gráficos I e II, correspondendo aos segundo e terceiro momentos de maior ocorrência de casas de tipo FA ²².

X

Existe, assim, uma continuidade entre uxorilocalidade e uxorivincinalidade, que leva à criação de grupos de irmãs que vivem em casas próximas

²² Devo deixar bem explícito que estou em total discordância com os autores que procuram encontrar no Minho um «matriarcado». Os dados apresentados aqui e no artigo intitulado «As mulheres, a maternidade e a posse da terra» (cit.) não suportam de forma alguma tais teorias fantasistas.

num mesmo lugar. Os membros destas casas, em geral, são apelidados pela mesma alcunha — frequentemente o nome da mãe das irmãs, por exemplo, o Tono da Ester — e mantêm entre eles relações de entreajuda privilegiadas. O que liga estas casas é a sua relação com uma casa original. Essa relação nunca é completamente quebrada enquanto os filhos do casal estiverem vivos. Os netos, porém, já não têm essa mesma identificação. Da mesma forma, os filhos de irmãos que abandonaram o lugar de origem são progressivamente esquecidos. Assim, a *estratégia positiva* a que nos referimos acima está ligada à criação de grupos locais de parentes com uma *tendência matrilateral*.

Pelo contrário, a *estratégia negativa*, que está ligada à ocorrência de fogos de tipo SOLT, não dá azo à criação de grupos de parentes. Vários factores contribuem para isso: verifica-se uma grande mobilidade individual; devido à ilegitimidade, as pessoas só têm metade das relações de parentesco; não há terras e edifícios que relembram às pessoas o seu parentesco e criem interesses comuns; e o desprestígio advindo da ilegitimidade ou da origem em casas muito pobres leva a uma fácil amnésia genealógica. As próprias alcunhas tendem a ser menos hereditárias.

Mais uma vez, entre estes dois extremos, existe toda uma gama de variações. Em todos os casos, porém, e apesar da sua importância inicial, este grupo de parentesco não sobrevive como grupo de acção à morte das irmãs. As relações de parentesco no Alto Minho não são tão fortes como na Europa mediterrânica. De facto, a rivalidade entre as relações de parentesco e as relações de vizinhança tende a ser ganha em Paço e Couto por estas últimas.

A endogamia de lugar é muito elevada: se considerarmos que os lugares tendem a ser relativamente pequenos, raramente excedendo as 70 casas, é deveras surpreendente que 27,48 % de todos os casamentos efectuados entre 1941 e 1977 em Paço tenham sido contraídos entre residentes do mesmo lugar²³. Boa parte dos vizinhos de lugar, portanto, são *primos* — carnisais ou segundos. A barreira entre *vizinho* e *parente* — entre «*kith and kin*», na expressão de Pitt-Rivers — é, nestas condições, necessariamente vaga. Na opinião deste autor, «apesar de os termos *parentesco* e *amizade* serem frequentemente considerados como opostos, há lugar para variantes que partilham das propriedades de ambos e que se situam entre o pólo do parentesco, inflexível, involuntário, imutável, estabelecido por nascimento e sujeito às pressões do domínio político-legal (na expressão de Fortes) e o pólo da amizade pura e simples, que é o seu contrário em cada um destes aspectos»²⁴. A relação de *vizinho*, nestes lugares, não é uma relação nem de parente nem de amigo (apesar de ela recorrer frequentemente à terminologia da «amizade»); ela situa-se entre os dois pólos propostos por Pitt-Rivers, até porque pode ser ambas as coisas junta ou separadamente.

É, aliás, significativo que, para além da relação entre casas cujos chefes são irmãos, as relações de vizinhança não favoreçam os vizinhos que são parentes próximos. Excepto em situações cerimoniais, tais como o casa-

²³ É curioso notar que esta relação não parece ter sido alterada pelo surto emigratório, que, se alguma influência teve, a foi reforçando. Cf. Paulo F. Monteiro, *Terra Que já Foi Terra* (manuscrito), ISCTE, 1983.

²⁴ J. Pitt-Rivers, «The Kith and the Kin», in J. Goody (org.), *The Character of Kinship*, Cambridge U.P., 1973, p. 90.

mento, o baptismo e, sobretudo, a morte, dir-se-ia até que se evitam propositadamente relações preferenciais com estes vizinhos. Tal atitude coaduna-se perfeitamente com o teor igualitário das relações entre vizinhos tais como elas são concebidas no protótipo de subsistência. Uma vez que, regra geral, os casamentos são efectuados entre casas do mesmo escalão económico, os vizinhos-parentes tendem a pertencer ao mesmo escalão económico. Se as suas relações fossem preferenciais, eles estariam a discriminar contra os vizinhos mais pobres. Esta discriminação, aliás, não conviria a ninguém, pois ela impossibilitaria a criação das relações de «amizade» entre casas pobres e ricas, que são tão importantes para elas: fornecendo aos mais ricos a mão-de-obra de que tanto necessitam e aos mais pobres os «favores» dos ricos.

XI

Resta-nos explicar o relacionamento da *estratégia positiva* com o processo de mudança socioeconómica que se tem verificado nas últimas décadas, particularmente depois do surto emigratório dos anos 60 e princípios dos anos 70. Cailler-Boisvert, escrevendo em 1968, mantém uma posição le playsiana semelhante à de Jorge Dias antes dela, quando verifica que há uma forte tendência para o desaparecimento de fogos compostos por famílias alargadas em proveito de fogos compostos por famílias nucleares²⁵. Os dados acima apresentados não parecem corroborar esta posição: em Paço, pelo menos 50 % das casas correspondem a famílias alargadas em, pelo menos, dois momentos do seu ciclo de desenvolvimento. Se muitas casas são compostas por famílias nucleares, isto significa, na luz da lógica estratégica exposta anteriormente, que elas pura e simplesmente não conseguiram atingir a estratégia ideal por razões materiais ou demográficas.

Esta tese é comprovada se compararmos a composição dos fogos das *meias de baixo* de ambas as freguesias com a dos das *meias de cima*. Esta divisão, de carácter étnico, corresponde também a uma realidade socioeconómica, visto que a incidência de ocupações não agrícolas é menor nas *meias de cima*, que são também mais isoladas e menos afectadas pelos *mores* urbanos.

A diferença mais significativa entre as *meias de cima* e as *de baixo* é a existência nestas últimas de uma percentagem mais elevada de fogos cujos chefes são solteiros (fogos do tipo SOLT) (ver quadro n.º 4). Tal se deve ao facto de ser nas *meias de baixo* que se situam as *quintas* maiores que empregavam quase todos os jornaleiros. Assim, os *lugares* a que nos referimos anteriormente, que são predominantemente compostos por fogos deste tipo, encontram-se nas *meias de baixo*.

²⁵ Jorge Dias, *Ensaio Etnográfico*, 9, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961; Colette Cailler-Boisvert, «Remarques sur le système de parenté et sur la famille au Portugal», in *L'Homme*, 8, Paris, 1968, pp. 87-103, esp. p. 95. A minha própria posição neste texto corresponde a uma nova visão do problema em relação à anuência dada às teses destes autores em João de Pina Cabral, *The Peasant Worldview in its Context*, cit., p. 111.

[QUADRO N.º 4]

	Meias de baixo		Meias de cima	
	Número	Percentagem	Número	Percentagem
Casas (FN+FA)	245	90,41	198	94,74
SOLT	26	9,59	11	5,26
Total	271	—	209	—

No entanto, quando procuramos distinguir entre as *casas* que são compostas por famílias nucleares e famílias alargadas (ver quadro n.º 5), verificamos que, apesar de haver uma percentagem mais elevada de fogos do tipo FA nas *meias de cima*, a diferença é pouco representativa. Se considerarmos que as *meias de baixo* estão mais expostas a influências urbanas e estão economicamente mais integradas no sector capitalista, podemos concluir que estas influências não parecem corresponder à adopção de uma nova lógica estratégica de composição familiar dos fogos.

[QUADRO N.º 5]

	Meias de baixo		Meias de cima	
	Número	Percentagem	Número	Percentagem
FN	195	79,59	157	79,29
FA	50	20,41	41	20,71
Total	245	—	198	—

A importância da situação emigratória acarreta problemas para a análise da composição dos fogos. O dono da casa que está emigrado há dez anos é considerado como «residente» na casa que chefia; da mesma forma, o jovem casal que está emigrado deve também ser considerado «residente» da casa com a qual mantém laços mais estreitos. Na verdade, apesar de emigrados, eles situam-se sempre no contexto de uma das casas natais. Anteriormente, eles viveriam uxori-localmente ou uxori-vicinalmente, agora vivem no Canadá, por exemplo, numa situação francamente neolocal. Só que não é assim que a situação é concebida pelos participantes: para eles, a relação com a casa-mãe sobrevive. São os donos da casa-mãe que têm as procurações para os negócios locais destes casais, que olham pelas suas poupanças, que constroem as casas em que eles viverão quando voltarem e que compram as terras com o dinheiro francês ou alemão, olhando por elas até o casal voltar. Por vezes, esta relação privilegiada continua ainda para além da morte do casal paterno e é o irmão ou o cunhado, agora dono da casa, que mantém a posição de procurador.

Assim, a *estratégia positiva* sobrevive à emigração e ao afluxo de capital e de novas ideias que vêm ligados a ela. Curiosamente, até a

tendência para a uxori-localidade ou uxori-vicinalidade persiste. Passa-se, portanto, com a casa camponesa o mesmo que se passa com a estratégia de autoconsumo da agricultura ²⁶: assim como são os salários não agrícolas que permitem a sobrevivência desta agricultura, é também a dispersão familiar que permite a manutenção da «estratégia positiva», pois ela deixa os casais emigrados na dependência de uma casa-mãe cuja sobrevivência se torna então essencial.

O desenvolvimento de uma estratégia de composição da casa ligada à família nuclear resultaria necessariamente de uma visão do mundo que reduzisse a importância da relação com a terra e que considerasse desnecessária a segurança social resultante da pertença a uma casa de tipo camponês. Ora Paço e Couto continuam a ser predominantemente freguesias camponesas. O aparecimento de um semiproletariado é contrabalançado pelo desaparecimento progressivo do antigo proletariado rural. O emigrante ou o camponês parcial que compram terra, ou que a mantêm, necessitam da instituição da casa para manter essa terra. A continuação do apego à terra pressupõe um apego continuado à estratégia positiva de composição familiar ²⁷.

A interrupção repentina do surto emigratório em 1974-76 e o progressivo aumento do desemprego vêm reforçar este apego à «estratégia positiva». A agricultura tornou-se uma forma de subemprego para muitos jovens que esperam outros empregos; a casa paterna é mais uma vez uma segurança indispensável para os que se querem casar. A agricultura de subsistência continua a ser a fonte principal de segurança social: assim, o protótipo de subsistência alterar-se-á certamente, mas a ênfase sobre a independência alimentar da casa — a sua característica marcante — parece ter sobrevivido.

²⁶ «A implicação mercantil a montante pode não implicar a ruptura com a estratégia de autoconsumo. Para tanto, basta que o agricultor disponha de recursos monetários exteriores à exploração agrícola. E é aqui que a pluriactividade e/ou o plurirrendimento se vêm cruzar com o fenómeno da mercantilização.» (Afonso de Barros, «Modalidades da pequena agricultura», in *Revista Crítica das Ciências Sociais*, n.º 7/8, Dezembro de 1981, p. 128.)

²⁷ «A compra da terra continua a ser a garantia da reprodução da família através da componente económica agrícola, mas só é possibilitada pela disponibilidade de um aforro obtido a partir da componente económica salarial.» (Pedro Hespanha, «A pequena agricultura, o preço da terra e as políticas fundiárias», in *Revista Crítica das Ciências Sociais*, n.º 7/8, Dezembro de 1981, p. 495.)

ANEXO 1

Composição dos fogos por freguesia

Paço						
Famílias nucleares	...	...	...	...	198	67,12
Famílias alargadas	...	...	...	...	74	25,08
SOLT	...	...	...	...	23	7,80
Total	...	...	...	...	259	—
Couto						
Famílias nucleares	...	...	...	...	141	76,63
Famílias alargadas	...	...	...	...	29	15,76
SOLT	...	...	...	...	14	7,61
Total	...	...	...	...	184	—
TOTAL						
Famílias nucleares	...	...	...	...	339	70,77
Famílias alargadas	...	...	...	...	103	21,50
SOLT	...	...	...	...	37	7,72
Total	...	...	...	...	479	—

ANEXO 2

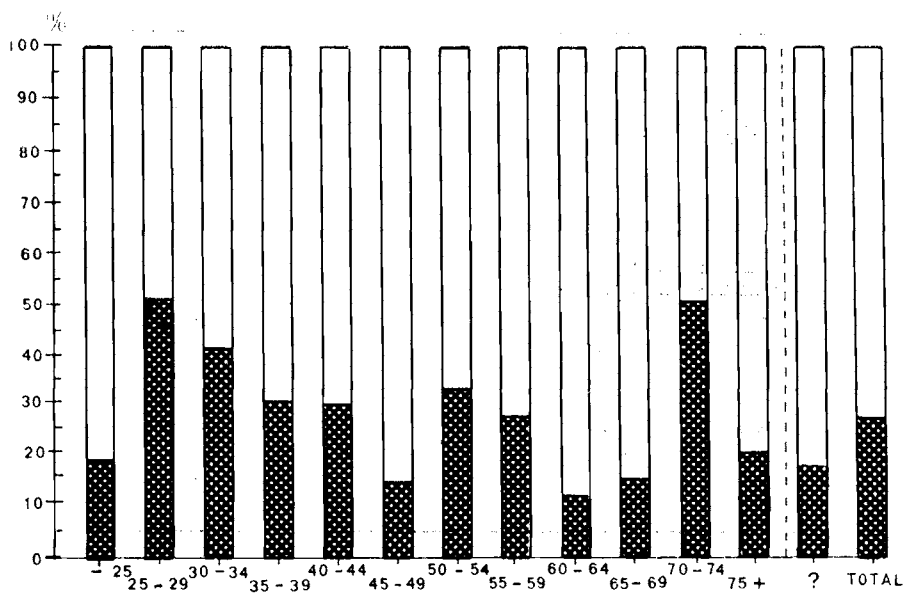
Composição das casas (a) por grupo etário

Grupo etário	Paço					Couto				
	Famílias nucleares		Famílias alargadas		Total	Famílias nucleares		Famílias alargadas		Total
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem		Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	
— 25	9	81,82	2	18,18	11	0	0	1	—	1
25-29	11	50,00	11	50,00	22	6	66,67	3	33,33	9
30-34	9	60,00	6	40,00	15	10	76,92	3	23,08	13
35-39	19	70,37	8	29,63	27	12	80,00	3	20,00	15
40-44	24	70,59	10	29,41	34	16	80,00	4	20,00	20
45-49	18	85,71	3	14,29	21	16	84,21	3	15,70	19
50-54	19	67,86	9	32,14	28	12	75,00	4	25,00	16
55-59	21	72,41	8	27,59	29	9	100,00	0	0	9
60-64	15	88,24	2	11,76	17	9	81,82	2	18,18	11
65-69	17	85,00	3	15,00	20	9	90,00	1	10,00	10
70-74	5	50,00	5	50,00	10	4	80,00	1	20,00	5
75 +	12	80,00	3	20,00	15	12	85,71	2	14,29	14
?	19	82,61	4	17,39	23	23	95,83	1	4,17	24
Total	198	72,79	74	27,21	272	138	83,13	28	16,87	166

(a) Excluindo, portanto, os fogos de tipo SOLT.

Paço: composição de casas por grupo etário

[GRÁFICO I]



Couto: composição de casas por grupo etário

[GRÁFICO II]

